



Fotos de Sérgio Marques

PERTO DO Estádio Castelão, em Fortaleza, um homem e uma adolescente acertam preço do programa e entram em terreno baldio por um buraco no muro. Depois ela sai fechando a saia

Um crime invisível e impune

Exploração sexual de menores raramente resulta em processos, e as sentenças só chegam para 3% dos casos; em três capitais do país, apenas 16 ações judiciais foram abertas

Demétrio Weber e
Sérgio Marques

Enviados especiais

• RIO, FORTALEZA e MANAUS. Um homem de 70 anos aborda uma adolescente de 17 nas imediações do Estádio Castelão, onde será disputada a Copa de 2014, em Fortaleza. São 10h42m de uma quarta-feira de muito sol. Pelo buraco de um muro, os dois entram num terreno baldio, na movimentada Avenida Padaria Espiritual. É ali que ele desembolsa R\$ 2 para tocar na garota.

O Código Penal ganhou redação mais rigorosa no ano passado e diz claramente: pagar para fazer sexo ou praticar ato libidinoso com menores de 18 anos é crime de favorecimento à prostituição de vulnerável. A pena, prevista no artigo 218-B, vai de quatro a dez anos de prisão.

Já era assim desde 1990, quando foi aprovado o Estatuto da Criança e do Adolescente. Mas divergências jurídicas sobre o texto levaram o Congresso a mexer no Código Penal, explicitando que a punição vale para cafetões, clientes e donos de motéis. Nas cidades brasileiras, porém, cenas de prostituição infanto-juvenil se repetem e pouca gente vai parar na cadeia.

Um levantamento do GLOBO em três capitais — Rio, Fortaleza e Manaus — revela que apenas 16 processos foram abertos no primeiro semestre deste ano: dez em Fortaleza, três no Rio e três em Manaus. As três cidades estão entre aquelas em que mais há denúncias de casos de exploração sexual de menores no Disque 100, o serviço telefônico da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República.

O número de condenações na Justiça é ainda menor: em Fortaleza, foram duas. Em Manaus, nenhuma. No Rio, o dado não está disponível, mas um balanço parcial do Tribunal de Justiça (TJ) indica que pelo menos duas sentenças foram proferidas.

Embora faltem estatísticas, é fácil concluir que o número de condenações é um retrato da impunidade. De janeiro a junho, o Disque 100 registrou 161 relatos de exploração sexual nas três capitais: 65 no Rio, 60 em Fortaleza e 36 em Manaus.

Os 16 processos abertos no mesmo período, portanto, equivalem a 10% dos casos denunciados. As sentenças, a 3%. Mesmo que metade das denúncias fosse falsa, o que não é o caso, embora existam relatos fictícios, o percentual de processos ficaria em 20% e o de julgamentos, em 6%.

Juiz critica a falta de dados

• O caminho até a condenação tem a forma de um funil. Em Fortaleza, enquanto o Disque 100 recebeu 60 denúncias, a Delegacia de Combate à Exploração da Criança e do Adolescente instaurou 21 inquéritos e o Ministério Público propôs 11 ações penais. A 12ª Vara Criminal de Fortaleza, que só julga crimes contra crianças e adolescentes, sentenciou só duas pessoas.

— Para nossa tristeza, nem sempre o resultado é a condenação, porque as vítimas não comparecem em juízo e, quando comparecem, é para contradizer o que disseram na polícia. Exploradores as procuram e dão agradecimentos às famílias — diz a juíza da 12ª Vara de Fortaleza, Maria Ina de Castro.

Manaus também conta com uma vara especializada. Foi criada em 2007, mas ainda não julga nenhum processo de explo-



HOMEM, de 70 anos, passa pela Avenida Padaria Espiritual, em Fortaleza, onde foi abordado pela adolescente; o cliente, segundo ela, pagou R\$ 2 para tocar em seus seios

Meninas que custam R\$ 2 ou um pouco mais...

Jovens se prostituem à luz do dia em avenida de Fortaleza. No Rio, adolescentes travestis fazem programa

• FORTALEZA e RIO. Um buraco no muro abre caminho para o encontro da miséria com a lascívia criminoso de adultos que pagam para fazer sexo com menores. Tudo acontece à luz do dia nas proximidades do estádio Castelão, em Fortaleza. Os programas ocorrem num terreno baldio atrás de um muro, na movimentada Avenida Padaria Espiritual.

Na terça-feira, dia 10, um homem na faixa dos 45 anos usou o local para fazer programa com uma adolescente que aparentava ter no máximo 16. A garota, viciada em crack, aborda transeuntes e motoristas para atrair clientes. Foi o que fez naquela manhã: correu atrás do homem, segurou-o e levantou a saia. Desconfiado, ele hesitou, mas acabou seguindo-a pelo do buraco no muro. Dez minutos mais tarde, saiu apressado. Logo atrás, ela ainda abotoava a saia. A adolescente cobra R\$ 20.

Abordada pelo GLOBO, a garota quis saber se o que se buscava era informação ou um programa. Anunciou o preço e foi logo dizendo que não poderia ir a motel por ser menor.

— Sou de menor — disse, aproximando-se da janela do carro.

Ao ver a máquina fotográfica, levou um susto. E mudou o discurso:

— Aliás, sou de menor, não. Sou de maior, tenho 22. Ainda vou tirar (carteira de identidade). Sou de 88.

Outra adolescente, de 17 anos, faz

ponto no mesmo local. Na manhã de quarta-feira, dia 11, ela contou ter recebido R\$ 2 de um homem de 70 anos, que pagou para tocar nos seus seios. Com o dinheiro na mão, ela foi direto comprar um suco e um salgado.

— Ele apenas me deu 2 real (sic). Ele sempre passa por aqui e vou ali com ele, que gosta de olhar para os meus peitos (sic). Ele ficou 5 minutos pegando neles e me deu os 2 real (sic). Isso não é um programa — disse, com o cuidado de só falar após mastigar.

O homem, aparentando nervosismo ao ser indagado sobre o que fizera atrás do muro, disse que foi urinar.

Em seguida, apresentou-se como radialista e acrescentou que tem uma esposa linda:

— Sou pai de 12 filhos, avô de nove netos. Não sou homem disso, não. Sou contra a prostituição. (...) Moro aqui há não sei quantos anos, o que eu ia querer com uma prostituta dessas?

As adolescentes ficam na avenida dia e noite. Às 23h30m de uma segunda-feira, a adolescente de 17 anos permanecia sentada perto do mesmo muro, diante da avenida quase deserta. Ela contou que tem um filho e frequentou a escola até o último ano do ensino fundamental. Saiu de casa aos 14 anos:

— Minha mãe tinha ciúmes de mim com o marido dela.

Longe do Castelão, na Avenida Vicente de Castro, na região portuária de Fortaleza, próximo de uma favela, uma menina magra, com aparência de 15 anos, faz ponto ao lado de um amigo da mesma idade. Ela diz ter 18 anos, o que as feições de seu rosto negam. Conta que passou a fazer programas após ficar órfã, no mês passado. Hoje, vive com uma tia, que sabe que ela se prostitui. A adolescente diz que o irmão, de 18, está preso por roubo:

— Ele não ouviu meus conselhos. Eu dizia: Você não ia gostar se trabalhasse o mês inteiro e alguém roubasse o que é seu.

No Rio, adolescentes também são vistos nas ruas de São Cristóvão e na Vila Mimosa. Na madrugada de uma sexta-feira, em junho, um travesti de 15 anos fazia ponto com dois adultos em São Cristóvão. Ele disse que abandonou a escola, mora com a mãe e que o dinheiro que ganha ajuda nas despesas de casa, comprar roupas e cuidar do cabelo. Avesso a perguntas, interrompeu a entrevista. Mas, vaidoso, ergueu a cabeça para mostrar o aplique que custou R\$ 600 e lhe garante uma vistosa cabeleira.

Indagado se sente medo de ficar nas ruas, o garoto disse que carrega uma navalha:

— Vou ter medo? Sei me defender.



A ADOLESCENTE carrega o lanche comprado com o dinheiro ganho com o programa

ração sexual. Assim como em Fortaleza e no Rio, predominam os casos de abuso sexual: no primeiro semestre, foram ajuizadas 114 ações por estupro e atentado violento ao pudor, ante três por prostituição infanto-juvenil.

O juiz Luiz Albuquerque, de Manaus, diz que a desproporção não significa que a cidade esteja livre da exploração sexual:

— Se há, e há muita, não tem chegado a nós. Não tem tomado a forma de processo.

O julgamento é o último passo de uma investigação. Assim, as

decisões tomadas no primeiro semestre de 2010 refletem a realidade dos últimos anos. Fortaleza é a cidade brasileira com maior número de denúncias de exploração ao Disque 100: 966, desde 2003, quando o serviço passou para o governo federal, até 30 de junho de 2010. O Rio aparece em terceiro, com 682, e Manaus em oitavo, com 333. As três capitais são destinos turísticos nacionais e internacionais. E serão sede da Copa de 2014.

No Rio, não há sequer vara especializada em crimes contra

crianças e adolescentes — só contra menores infratores. Isso dificulta até mesmo a contabilização dos casos, já que as ações ficam espalhadas por 40 varas.

— A exploração sexual é um crime impune, porque o aparelho judicial não está preparado para receber esse tipo de denúncia. Sem instrumentos, não há como punir — diz o desembargador do TJ-RJ Siro Darlan.

Para descobrir o número de processos instaurados no primeiro semestre, no Rio, foi preciso analisar uma lista do TJ

com todos os crimes sexuais e do Estatuto da Criança e do Adolescente. Os casos de prostituição infanto-juvenil foram identificados mediante contato com as varas, considerando-se apenas casos já denunciados pelo MP. Ainda assim, há risco de imprecisão, porque processos com registro eletrônico ou etiqueta de um assunto podem, na verdade, tratar de outro. Em Fortaleza e Manaus, as varas especializadas divulgaram dados.

— Temos informação para tudo, mas não para esse tipo de

pergunta. Desinformação é sinônimo de negligência — diz Siro.

Em Fortaleza, a jovem de 17 anos usou os R\$ 2 para fazer um lanche. O homem de 70 foi embora a pé. Como nas estatísticas do Rio, a prostituição dela e de outras adolescentes permanece invisível à Justiça. ■

O GLOBO NA INTERNET
VÍDEO Entrevista com a juíza especializada em crimes contra crianças e adolescentes de Fortaleza
oglobo.com.br/pais/cidades



"O projeto que deu origem a esta reportagem foi vencedor da Categoria Impreso no V Concurso Tim Lopes de Jornalismo Investigativo, realizado pela Andi e Childhood Brasil (Instituto WCF) e Save The Children Suécia, com apoio do Unicef, da OIT, da Fenaj e da Abraji."